



Crédito: gpointstudio

Fórum Empresarial de Inovação e Desenvolvimento do Acre

Estudo ECONÔMICO

Reflexões sobre a escassez de mão de obra na indústria da construção civil de Rio Branco

FÓRUM
EMPRESARIAL
de Inovação e Desenvolvimento

Embrapa

FEDERACRE
FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES COMERCIAIS E EMPRESARIAIS DO ESTADO DO ACRE

FAEAC
FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES EMPRESARIAIS DO ACRE

SEBRAE

FIAC

Fecomércio AC
FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO DO ACRE

ACISA
ASSOCIAÇÃO DE EMPRESAS E EMPRESÁRIOS DO ACRE

MADA
MUNICÍPIO DE RIO BRANCO

BANCO DA AMAZÔNIA

SPU
SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GESTÃO E AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

CAIXA
BANCO DE DESENVOLVIMENTO E FINANCIAMENTO

SEBRAE

IBGE
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

AMAC
ASSOCIAÇÃO DE EMPRESAS E EMPRESÁRIOS DO ACRE

SUFRAFRA
SINDICATO NACIONAL DE EMPRESAS DE COMÉRCIO VAREJISTA

Fundape
FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA E À EXTENSÃO

INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE

Ufac
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

GOVERNO DO ACRE



ESTUDO ECONÔMICO



FÓRUM
EMPRESARIAL
de Inovação e Desenvolvimento



REFLEXÕES SOBRE A ESCASSEZ DE MÃO DE OBRA NA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE RIO BRANCO

Carlos Estevão Ferreira Castelo
Professor Titular de Teoria Econômica da UFAC

Rubicleis Gomes da Silva
Professor Titular de Métodos Quantitativos da UFAC

Tíssia Veloso
Fórum Empresarial de Inovação e Desenvolvimento

INTRODUÇÃO

A indústria da construção civil enfrentou desafios significativos relacionados à escassez de mão de obra mundialmente este ano, principalmente mão de obra qualificada. Inclusive, essa questão tem impactado projetos em todos os países, levando empresas a buscarem soluções criativas para garantir a conclusão oportuna e eficiente de suas obras. Essa escassez parece ser resultado do aumento da urbanização, do desenvolvimento de infraestrutura e do crescimento populacional que têm gerado uma demanda sem precedentes por novas habitações, edifícios comerciais, instalações industriais e infraestrutura pública. A demanda excede a capacidade da indústria de fornecer mão de obra qualificada em um ritmo compatível, resultando em escassez de trabalhadores em muitos mercados.

Recrutar e reter pessoas (principalmente com qualificação adequada) tem sido um desafio significativo para as empresas de construção civil. A natureza física e muitas vezes exigente do trabalho na construção pode afastar potenciais candidatos, enquanto a competição por talentos entre diferentes setores da economia pode dificultar a retenção de trabalhadores mais experientes. Além disso, a falta de programas de treinamento e desenvolvimento de habilidades adequados tem contribuído para a lacuna de competências na indústria.

No Brasil, um estudo feito pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) indicou que cerca de 70% das empresas do setor enfrentam barreiras para contratar profissionais qualificados. Outra pesquisa, da Comissão de Políticas de Relações Trabalhistas (CPRT), da Câmara Brasileira da Indústria e da Construção (CBIC), analisou as dificuldades na contratação de mão de obra qualificada para o setor no país. Segundo esse estudo, que foi feito em fevereiro de 2022 e divulgado em abril, aproximadamente 90% das empresas brasileiras passaram por dificuldades para contratação de pessoal, contra 77% em outubro do ano anterior.

De acordo com o levantamento, as áreas de maior escassez de profissionais foram:

- Pedreiros - 82%
- Carpinteiros - 78,7%
- Mestres de obra - 74,7%
- Encarregado - 70%
- Falta de obra terceirizada - 94,67%.

No Acre, onde a construção civil está fortemente vinculada a obras públicas e se concentra basicamente em Rio Branco, que responde por quase 80% do mercado estadual, não é muito diferente. De acordo com a Sondagem da Construção Civil produzida pela CNI, **a mão de obra é comumente apresentada como um dos principais problemas que as empresas enfrentam.** Tem-se tornado um desafio mobilizar trabalhadores nos canteiros de obra.

Diante deste cenário, objetivo desse artigo é analisar o perfil dos colaboradores atualmente empregados na indústria da construção civil em Rio Branco (perfil da “mão de obra”) e buscou-se ainda descobrir as dificuldades que as empresas do setor têm em contratar trabalhadores.

Uma pergunta norteadora do estudo foi: **que fazem essas pessoas quando não estão trabalhando na indústria de construção?**

Sobre a categoria “mão de obra”, para os objetivos desse texto, está relacionada com o trabalho manual de qualquer área. Agora, quando se relaciona com o setor da construção civil, trata-se especificamente de serviços prestados em um canteiro de obras. Dessa forma, por “mão de obra” deve-se entender aqui que são todos os profissionais que atuam nesse ambiente de trabalho, como o arquiteto, engenheiro civil, pedreiro, carpinteiro, marmorista, vidraceiro, gesseiro, entre outros.

1. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada entre 23 de setembro e 21 de outubro de 2024, tendo como público-alvo os trabalhadores que atuam diretamente na execução das obras. Os questionários foram aplicados em 11 obras contratadas e executadas em Rio Branco pelo poder público municipal/estadual e iniciativa privada. Ao todo foram 236 questionários, o que representa para uma população finita de trabalhadores da construção civil uma amostra com 95% de confiança e margem de erro de 6,3%.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1. CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS (PERFIL)

A idade média dos entrevistados é de 40 anos, dado semelhante ao restante do Brasil, de acordo com “Perfil da mão de obra na construção civil” realizado pela Autodoc.¹ A pesquisa detectou que os trabalhadores que atuam na construção civil no Brasil tinham, em média, em 2023, 42 anos.

Com relação ao sexo, cor da pele e nível de escolaridade dos trabalhadores entrevistados, observou-se que quase a totalidade são homens (98,3%), de pele parda (76,7%), com pouca ou nenhuma escolaridade, sendo 19,1% analfabetos e 37,7% com o ensino fundamental completo.

[1] <https://autodoc.com.br/conteudos/falta-de-mao-de-obra-na-construcao-civil-como-superar-esse-desafio/>

Quando perguntados se possuíam cursos/treinamentos específicos de suas áreas de atuação na construção civil, 64,4% responderam não possuir. As informações levantadas destacam que, além do pouco estudo formal, **a maioria dos trabalhadores que participaram da pesquisa não possuem cursos e treinamentos específicos relacionados com o desempenho de suas funções.** Isso é importante pois pode implicar em problemas de produtividade e eficiência.

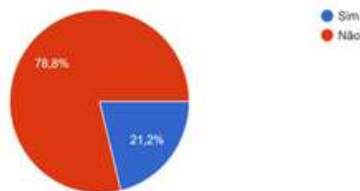
Os pesquisadores perguntaram também sobre o estado civil dos trabalhadores e se possuem filhos. Cerca de 72,5 têm filhos e, deste total, 29,2% são casados. Confira os demais resultados:

- Outros 24,2% afirmaram possuir união estável
- Solteiros representam 43,2% (desses 37,7% não possuem namorada).
- Dos casados ou com união estável, 17,8% possuem cônjuge que trabalha com carteira assinada e 6,8% o cônjuge trabalha na informalidade.

2.2. EMPREGO

Quando perguntados sobre o tempo de serviço, 21,2% dos entrevistados disseram que estão no primeiro emprego. Já a maioria, total de 79,8% já trabalhou no setor anteriormente (antes do emprego atual), conforme ilustrado no gráfico abaixo.

Este é o seu primeiro emprego na construção civil?
236 respostas



Com relação às ocupações principais no emprego atual, observou-se que:

- Serventes de pedreiro ou auxiliares - 30,9%
- Pedreiros - 16,5%
- Carpinteiros - 11,9%
- Armadores - 5,1%
- Apontadores - 3,8%
- Ferreiros - 3,4%
- Pintores, encanadores, mestres de obras - 3%
- Eletricistas - 1,7%
- Entre outras funções citadas.

Os pesquisadores também perguntaram há quanto tempo cada trabalhador está no atual emprego. A média das respostas foi de 17 meses. Sobre o tempo total de trabalho no setor, foi detectado uma média de 14 anos.

O rendimento médio obtido no emprego atual, com carteira assinada, desses trabalhadores é de R\$ 2.045,22, o que representa cerca de 1,4 salários-mínimos.

2.3. DESEMPREGO (O QUE FAZEM QUANDO ESTÃO SEM TRABALHO?)

A pesquisa também abordou o período em que os entrevistados ficaram desempregados e **a maioria respondeu que já chegou a ficar 14,4 meses sem trabalho.**

Quando perguntados sobre o que fizeram para sobreviver enquanto não estavam trabalhando, as respostas foram as seguintes:

- 52,5% continuaram na construção civil, mas de forma informal (para a maioria desse grupo trabalhar na área na informalidade – em obras residências, principalmente - é melhor, pois o rendimento é maior).
- Já outros 12,3% não tiveram outra ocupação
- 10,2% trabalharam em outras atividades não relacionadas com a construção civil (não informadas).

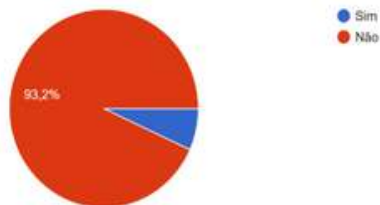
Dos que informaram a atividade, 2,5% foram trabalhar em grandes fazendas; 1,3% trabalharam na zona rural de Rio Branco, além de outras atividades como:

- Serviços de aplicativos
- Roçagem de quintal
- Trabalhos de caseiro
- Atendente de telemarketing
- Pescador
- Auxiliar de supermercado
- Etc.

Sobre se possuíam carteira assinada nas ocupações desempenhadas quando não estavam trabalhando na construção civil, a maioria afirmou que não teve a carteira assinada. O gráfico apresentado a seguir ilustra os resultados.

Você possuía carteira assinada nessa ocupação?

236 respostas



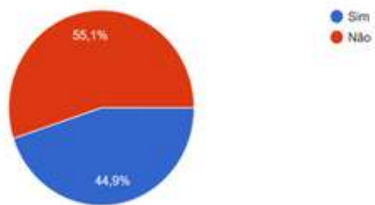
Sobre os rendimentos médios que receberam quando estavam desempenhando outras funções, pesquisa detectou um ganho R\$ 1.602,00 entre os trabalhadores. Fazendo um recorte dos que permaneceram trabalhando com construção civil, mas de forma informal, a média sobe para R\$ 2.268,00. Ou seja, os que permaneceram trabalhando com construção civil de forma informal ganhavam mais do que ganham no emprego atual. Essa evidência é importante porque pode sinalizar para uma possível explicação do porquê as empresas formais de construção civil têm dificuldades para contratar trabalhadores. Entretanto, deve-se considerar nesse ponto os riscos que o trabalhador corre ficando na informalidade.

Observa-se que trabalhos informais são aqueles gerados sem seguranças trabalhistas para o empregado, como a falta da carteira assinada, seguro-desemprego, FGTS, entre outras garantias. Mesmo com algumas vantagens, as desvantagens da informalidade para o trabalhador são superiores: a ausência de carteira assinada, de férias remuneradas, e de auxílios em caso de doenças ou imprevistos; não contribuição previdenciária, o que prejudica para uma aposentadoria; não ter renda fixa, o que atrapalha ao pedir empréstimos bancários ou financiamentos, além da constante preocupação com o andamento da economia por não estarem segurados nas leis trabalhistas, entre outras.

Além disso o trabalhador informal sofre marginalização por parte das políticas públicas por não contribuir ativamente com o Estado. Isso nos mostra que a formalidade na construção civil, por mais que com baixos salários, é um dos melhores caminhos para a geração de emprego

Sobre se possuíam algum tipo de “seguro-desemprego” quando estavam fora do emprego atual, das 236 respostas, 55% não tinham. O gráfico apresentado a seguir ilustra os resultados.

Você recebeu seguro desemprego?
236 respostas



Com esse resultado, pode-se inferir que ficar sem carteira assinada pode ser até vantajoso, pois os trabalhadores podem requerer, e receber, o seguro-desemprego por certo tempo e, ainda, continuarem trabalhando informalmente (no setor ou em outra atividade). Além disso, a pesquisa sinalizou que políticas públicas compensatórias como o “Bolsa Família” e outras corroboram com essa “vantagem”. Muitos não aceitam assinar a carteira para não pararem de receber os rendimentos dos programas sociais que participam.

Um ajudante de pedreiro afirmou durante a pesquisa que receber dinheiro do Programa Bolsa Família e não deseja assinar carteira ou trabalhar para empresa construtora para não “perder o recurso”.

Outro ponto relevante que deve ser levado em consideração é o fato de que, nos últimos anos, trabalhadores desse segmento estão saindo do Acre em busca de novas oportunidades em outros estados, principalmente para o Sul e Sudeste. O que também pode explicar a escassez de mão de obra em Rio Branco. Observa-se que o deslocamento de trabalhadores entre obras e/ou regiões do país, segundo pesquisa da FGV,² vem se constituindo um problema em todo o Brasil para as empresas construtoras.

Como a pesquisa constatou, a idade média dos trabalhadores do setor avaliado é de 40 anos, informação que pode indicar que os mais jovens não estão vislumbrando atrativos na indústria de construção, seja porque preferem o trabalho informal em obras privadas porque ganham mais ou por conta do trabalho pesado exigido nas obras.

Além disso, especialmente após a pandemia de Covid-19, muitos jovens têm preferido atuar em atividades mais flexíveis, que oferecem mais autonomia.

[2] <https://blogdoibre.fgv.br/posts/escassez-de-mao-de-obra-eleva-custos-na-construcao>

Outra questão, que também precisa ser considerada, é o fato da sazonalidade da construção civil no Acre (no inverno, as obras diminuem). Essa descontinuidade também pode, de alguma maneira, influenciar na dificuldade de mobilização de mão de obra, na medida em que os trabalhadores temem ficar sem trabalho durante alguns meses do ano e podem preferir garantir a sobrevivência de outras atividades.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Diante das evidências coletadas na pesquisa e da objetiva revisão de literatura em artigos e reportagens públicas em 2024 na internet, é notório que a indústria da construção civil enfrenta desafios significativos relacionados à escassez de mão de obra, no Brasil e no Acre.

Esse problema tem impactado o desenvolvimento dos projetos, o que força as empresas a buscarem soluções criativas para garantir a conclusão oportuna e eficiente de suas obras. Mesmo que o Acre não enfrente um “apagão de mão de obra”, de acordo com conversas informais com técnicos da Secretária de Obras do Estado, “quando uma empresa consegue mobilizar trabalhadores para seu canteiro, desmobiliza o canteiro de outras”.

Diante desse cenário é urgente pensar em alternativas, com a consciência que problemas como a escassez de trabalhadores não se solucionam de uma hora para outra, pois isso exige medidas estruturais. Ainda assim, há ações que as empresas e o setor público (maior contratante no caso do Acre) poderiam adotar para minimizar os efeitos da falta de mão de obra. Citamos algumas abaixo para reflexão:

1. CAPACITAÇÃO DE PROFISSIONAIS

Promover programas de capacitação e reciclagem para profissionais da construção civil. De preferências em locais próximos das obras. Isso pode incluir cursos de qualificação, certificação e workshops para desenvolver habilidades específicas. Dessa maneira, os trabalhadores poderão se sentirem mais satisfeitos e felizes trabalhando.

2. INCENTIVOS GOVERNAMENTAIS E PROGRAMAS DE FORMAÇÃO

Os governos poderiam estabelecer políticas públicas de obras durante o ano todo para minimizar os problemas de sazonalidade. Notadamente de pequenas obras/reformas.

Governos podem desempenhar um papel fundamental na promoção de políticas que incentivem o desenvolvimento de habilidades, o investimento em infraestrutura educacional e o apoio financeiro para programas de treinamento. Parcerias público-privadas também podem ser estabelecidas para financiar e implementar programas de treinamento e desenvolvimento de habilidades adaptados às necessidades específicas da indústria.

3. PARCERIAS COM ESCOLAS TÉCNICAS

Estabelecer parcerias com escolas técnicas e centros de formação profissional para criar programas e cursos alinhados com as necessidades da indústria da construção civil. Isso poderia incluir oportunidades de aprendizado e estágios para os alunos, o que poderia atrair jovens para a profissão. Além disso, poder-se-ia integrar, quando possível, tecnologias modernas como **a automação, impressão 3D e robótica visando melhorar a eficiência do trabalho, mas também tornar a indústria mais atraente para jovens profissionais.**

4. VALORIZAÇÃO DA PROFISSÃO

Promover uma imagem positiva na sociedade através de uma “ampla campanha de valorização” das carreiras da construção civil, dando destaque para as oportunidades de crescimento, remuneração competitiva e a importância do segmento na sociedade. Além disso, **a valorização da mão de obra com aumentos salariais nos momentos de dissídio coletivo, quando possível, é uma alternativa a ser pensada.**

Observa-se que hoje no Acre, de acordo com o observado, **o trabalho nos canteiros de obra está associado à realização de serviços fisicamente penosos, mal remunerados e com carga horária rígida.**

5. ATRAÇÃO DE GRUPOS SUB-REPRESENTADOS

Procurar atrair mais mulheres e grupos minoritários para a construção civil, promovendo um espaço inclusivo e igualdade de oportunidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://autodoc.com.br/conteudos/falta-de-mao-de-obra-na-construcao-civil-como-superar-esse-desafio.%20https://>

blogdoibre.fgy.br/posts/escassez-de-mao-de-obra-eleva-custos-na-construcao

